

Brasil começa o ano econômico em posição melhor do que em 80

Apesar do déficit de US\$ 3,3 bilhões esperado para a balança comercial em 1980, o Brasil está começando 1981 em condições muito mais favoráveis junto ao mercado financeiro internacional: nossas reservas fecharam com mais de US\$ 1 bilhão acima do mínimo aceitável, a política monetária já está sob controle e a inflação deve começar a cair, enquanto a dívida externa não passou de US\$ 54,2 bilhões. Além disso, o país já começou janeiro obtendo um empréstimo de US\$ 60 milhões, ontem, enquanto no ano passado isso não aconteceu antes do mês de março.

A luta maior é para não recorrer ao FMI

O controle interno da política monetária, com garantia de queda na inflação, e a perspectiva de reequilíbrio da balança comercial são os dois principais indicadores que os banqueiros internacionais estão levando em conta neste princípio de ano, para concluir que o Brasil está entrando em 1981 em situação muito mais favorável do que há um ano e, agora, merece um crédito de confiança suficiente para não deixar lugar a soluções drásticas como, por exemplo, recorrer ao Fundo Monetário Internacional a fim de suprir suas necessidades de recursos.

Esta é a opinião do diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, para quem os resultados obtidos pelo país no plano interno - principalmente o controle sobre a expansão dos meios de pagamento e da base monetária - aliam-se hoje a uma conjuntura internacional muito mais favorável do que há um ano, permitindo que a captação de recursos externos se desenvolva de forma ordenada ao longo dos próximos doze meses, ao contrário do início de 1980, quando as tensões internacionais e a falta de credibilidade adiaram a obtenção de empréstimos no exterior até o mês de março.

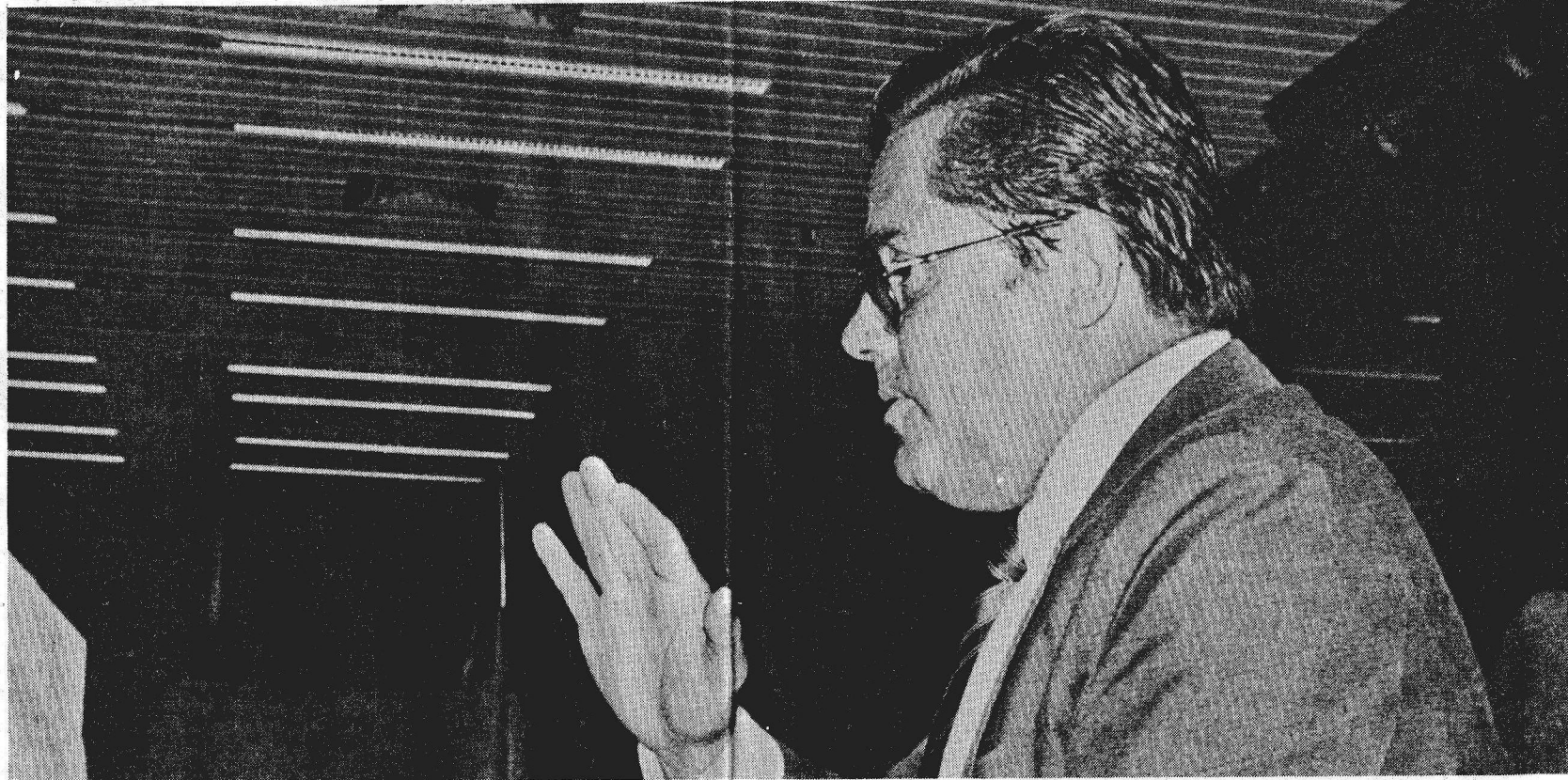
"Se não houve razões para recorrer ao Fundo Monetário Internacional em 1980, muito menos razão há agora, quando entramos em 1981 com a garantia de restabelecimento da credibilidade internacional e com a perspectiva de captar no exterior estritamente o necessário para o financiamento do déficit do balanço de pagamentos", afirma Madeira Serrano, ao fazer um balanço das dificuldades encontradas pelo país na passagem de 1979 para 1980 e, em contrapartida, das novas perspectivas que se abrem em 1981.

A opinião do diretor do Banco Central é de que a comunidade financeira internacional é cética, exige um pouco mais de tempo e consistência nos dados apresentados por cada país, antes de reformular seus conceitos e estabelecer seus próprios indicadores. No caso brasileiro, entretanto, há um consenso de que nossos problemas são os mesmos de quase todas as demais nações em vias de industrialização - com a vantagem de que contamos com alternativas próprias, como o programa de substituição das importações de petróleo através da utilização do álcool, do carvão e de óleos vegetais.

"O Brasil continua sendo o melhor risco na opinião dos banqueiros internacionais e se conseguirmos manter os resultados por mais algum tempo, sem precisar recorrer a remédios suicidas - como uma política econômica recessiva -, então a batalha estará ganha pelo tempo em que houver juízo por parte do governo", afirma Madeira Serrano, lembrando que o atual Governo vem dando provas de que "tem bastante juízo e nada indica que o próximo também não terá a mesma dose de bom senso para não jogar tudo fora".

BALANÇO

Ao estabelecer comparação entre 1980 e 1981, o diretor do Banco Central lembrou que a maxidesvalorização do cruzeiro em dezembro de 1979 deixou um temor generalizado entre o setor



Madeira Serrano, Diretor do Banco Central, faz uma radiografia das possibilidades econômicas do Brasil no ano que se inicia

privado ao longo dos meses seguintes, obrigando o setor público a entrar no mercado de captação de recursos externos ao longo de todo o primeiro semestre, com o objetivo de evitar um posterior congestionamento destes empréstimos e também de aproveitar os lançamentos de empréstimos sindicados no exterior para empresas públicas brasileiras.

Além do fantasma da maxidesvalorização, o Brasil enfrentou no início de 1980 problemas de instabilidade no mercado internacional - fruto principalmente do agravamento das tensões internacionais em consequência da invasão soviética do Afeganistão, do congelamento dos ativos iranianos nos Estados Unidos e das incertezas que tomaram conta da comunidade financeira -, fazendo com que o próprio Banco Central adiasse deliberadamente a captação externa de recursos nos dois primeiros meses do ano.

"Com os altos spreads (taxa de risco) e as incertezas do mercado, teria significado uma temeridade para o país, com elevada possibilidade de desgaste junto aos banqueiros, enfrentarmos o mercado no início do ano passado, o que nos levou a adiar a captação até o mês de março", explica Serrano, lembrando que agora as condições são exatamente o inverso.

Além de ter afastado completamente o fantasma da maxidesvalorização, através do fim da correção cambial pré-fixada anunciado em dezembro último, o Governo está atualmente mais tranquilo com o nível de reservas internacionais — que fecharam em US\$ 6,8 bilhões no último dia do ano —, e a conjuntura internacional, apesar de difícil, já se apresenta mais estabilizada, com o Brasil conseguindo restabelecer sua credibilidade e dando mostras disso ao iniciar o ano fechando operações sindicadas de empréstimos no exterior. Neste sentido, o diretor do Banco Central lembra que ainda nesta primeira quinzena de janeiro será lançada uma operação de US\$ 60 milhões para as Centrais Elétricas de São Paulo (Cesp), liderada por um banco controlado pelo Chase Manhattan Bank.

"Nós hoje temos mercado", garante Serrano, lembrando que não tínhamos no início do ano passado, pelo menos até março. Além disso, o setor privado está atualmente estimulado a buscar recursos no exterior em consequência não só da garantia de que não haverá outra maxidesvalorização do cruzeiro, mas também como decorrência do controle interno do crédito e do encarecimento do dinheiro dentro do país em função da política mais realista de taxas de juros.

TAXAS

Outro fator que leva o diretor do Banco Central a apostar na maior facilidade para obtenção de recursos externos, este ano, é a impossibilidade do mercado internacional sustentar por muito tempo as altas taxas da Libor (taxa interbancária do mercado de Londres) — que chegaram a

mais de 30% em termos de seis meses, no final de 1980, após sucessivas altas. A tendência das últimas semanas indicavam que a Libor deveria se estabilizar em torno de 20% por algum tempo, mas Madeira Serrano lembra que "é praticamente impossível fazer previsões, se bem que tudo leve a crer que haverá uma queda gradativa".

O principal motivo para esta suposição é que, como taxa estabelecida pelo próprio mercado, ao contrário da *prime rate* americana, a Libor deverá sofrer as consequências da elevada liquidez do mercado internacional e apresentar tendência à queda nos próximos meses. "Podemos esperar esta queda com base na própria incapacidade do mercado de sustentar níveis de 19 ou 20% de Libor, quando há uma grande liquidez internacional", afirma.

Mais importante do que a tendência declinante, em sua opinião, é que o fato da Libor ser estabelecida com seis meses de antecedência permite que o Brasil saiba com certeza o quanto vai pagar de juros no primeiro semestre de 81. "Vamos pagar uma Libor média de 13,55% ou seja, praticamente o mesmo que pagamos no primeiro semestre do ano passado, com a vantagem de que sabemos o quanto vai nos custar o serviço da dívida nestes próximos seis meses".

Madeira Serrano lembra ainda que as taxas de risco (*spread*) pagas pelo Brasil nos empréstimos externos são sempre decorréncia da expectativa do mercado financeiro em relação ao tomador de recursos. "Como todas as expectativas hoje são bem melhores do que no início do ano passado, tudo indica que poderemos garantir *spreads* menores nos próximos meses", ressalta o diretor do Banco Central, reafirmando que "são os fatos que fazem a expectativa internacional".

CONTROLES

Tomando como base os resultados da expansão dos meios de pagamento (papel-moeda em poder do público mais depósitos à vista nos bancos) e da base monetária (emissão primária de moeda) até novembro último, o diretor do Banco Central acredita que já começou a tendência declinante na curva destes dois agregados monetários — o que, ao significar uma próxima queda da inflação interna, dá aos banqueiros internacionais elementos suficientes para uma conclusão positiva sobre a política monetária levada a cabo pelo Governo brasileiro.

"Estes indicadores são muito importantes na análise que cada departamento econômico dos grandes bancos faz da economia brasileira mês a mês, permitindo que melhore sensivelmente a expectativa externa em relação aos nossos país e devolvendo assim a credibilidade internacional que nos faltava", explica Madeira Serrano, lembrando ainda que esta reversão na tendência dos meios de pagamento e da base monetária já se iniciou e, agora,

precisa apenas ser mantida para que os efeitos comecem a aparecer em termos de queda da inflação interna.

Ainda com base nas estatísticas: até novembro último, o diretor do Banco Central demonstra que o déficit da balança comercial — que chegou a US\$ 4,2 bilhões em abril, em termos de doze meses, e em novembro para US\$ 3,3 bilhões — também já apresenta tendência declinante, o que pode deixar claro que nos próximos meses será possível chegar ao equilíbrio comercial.

"Estes indicadores não são criados por nós, mas constituem dados concretos que os bancos internacionais levam em conta com muita seriedade em suas avaliações do risco de cada país", reafirma, garantindo que o nível de reservas obtido: até o final de 1980 está bastante acima do índice de vulnerabilidade que a comunidade financeira internacional adota, que é o correspondente à média de três meses de importação do ano anterior.

Mais facilidade para captação de recursos

Apesar das dificuldades do mercado financeiro internacional e da crise de credibilidade junto aos banqueiros estrangeiros, o Brasil conseguiu captar US\$ 13,73 bilhões em empréstimos externos no ano passado, o que significa US\$ 4,2 bilhões a mais do que em 1979 e permite ultrapassar a meta de US\$ 12 bilhões prevista para garantir o financiamento do déficit do balanço de pagamentos.

A informação foi prestada ontem pelo diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, revelando que o fluxo de recursos para 81 já está garantido desde agora com um empréstimo de US\$ 60 milhões concedido ontem por um sindicato de bancos internacionais às Centrais Elétricas de São Paulo. Em 1980, o país só conseguiu empréstimo a partir de março.

Dos US\$ 13,73 bilhões obtidos, entretanto, US\$ 1,9 bilhão só darão entrada no país a partir de 1981, constituindo *carryover* para exercícios futuros. O total de recursos externos previsto para o fechamento do balanço de pagamentos era de US\$ 12 bilhões em 1980, na hipótese de não haver déficit comercial, mas como houve queima de US\$ 2,8 bilhões de reservas internacionais e espera-se um déficit da ordem de US\$ 3,3 bilhões, na balança comercial, os empréstimos obtidos foram suficientes.

CAPTAR SO O NECESSÁRIO

"A política do Governo para este ano será captar o estritamente necessário", afirmou o diretor do Banco Central, informando que do total captado, US\$ 1,15 bilhão, se refere ao desconto de cambiais de exportação junto a bancos internacionais. O Brasil ainda dispõe de aproximadamente US\$ 1,15 bilhão dessas cambiais, que deverão ser negociadas ao longo dos próximos meses, além de outras resultantes de novas exportações que serão realizadas em regime de financiamento.

Do total, US\$ 8,83 bilhões foram obtidos em 1980 dentro do mecanismo da Lei 4131, correspondendo a operações sindicadas (US\$ 1,97 bilhão), empréstimos e linhas de crédito de importação e exportação com prazos de dois anos (US\$ 975 milhões), emissão de bônus no exterior (US\$ 439 milhões), empréstimos de organismos internacionais (US\$ 402

milhões) e operações diretas e *club deals* (US\$ 5,04 bilhões). Os empréstimos obtidos sob o amparo da Resolução 63 do Banco Central chegaram a US\$ 3,75 bilhões até o final do mês passado.

Revelando um esforço extra para garantir o fluxo de recursos no último mês do ano, período onde há uma retração natural nas operações internacionais a partir do dia 15, o país conseguiu captar US\$ 1,76 bilhão somente em dezembro, mantendo uma média diária de US\$ 21,9 milhões nos 21 dias úteis do mês.

"Ao longo do ano passado foi obtido um recorde em termos de renovação de empréstimos externos e novas contratações, com um total de US\$ 4,8 bilhões", informou Madeira Serrano, chamando atenção para o fato de que em 1979 foram obtidos apenas US\$ 461,2 milhões nesta faixa, incluindo operações dentro da Resolução 63 e os empréstimos do setor privado dentro da Lei 4131.

EMPRÉSTIMOS

Ainda hoje, as Centrais Elétricas de São Paulo (Cesp) deverão concluir uma operação de empréstimo no total de US\$ 60 milhões, com oito anos de prazo e quatro de carência, pagando *spread* (taxa de risco) de 1,75% e juros com base na Libor de seis meses - revelou ontem o diretor do Banco Central, procurando deixar claro que o mercado externo este ano começa com condições bem mais favoráveis para o Brasil do que em janeiro de 1980, quando nenhuma operação foi realizada.

Este empréstimo da Cesp está sendo liderado pelo *Libra Bank*, uma instituição financeira internacional controlada pelo *Chase Manhattan Bank* de New York, e será concedido por um consórcio de bancos estrangeiros. Madeira Serrano adiantou também que uma nova operação está sendo preparada para a segunda quinzena deste mês, mas os detalhes não podem ser divulgados no momento "para não atrapalhar as negociações". Estas duas operações demonstram que as condições internacionais estão hoje bem melhores para o país do que em 1980, deixando antever uma maior facilidade para garantir o fluxo de recursos necessários ao fechamento do balanço de pagamentos.

O diretor do Banco Central informou ainda que o empréstimo tipo *stand by* obtido em novembro último junto a um grupo de bancos árabes, liderados pelo *Arab Latin American Bank* (Arlabank), no valor de US\$ 200 milhões, já está sendo utilizado pelo Brasil. "Lançamos mão dos recursos para completar nossas necessidades para fechar 1980", adiantou Madeira Serrano, explicando que, por se tratar de uma operação especial, começará a ser reposto dentro de três meses, podendo ser renovado outras vezes.

Reservas brasileiras superam expectativas

O Brasil conseguiu fechar 1980 com um total de US\$ 6 bilhões 842 milhões de reservas internacionais, queimando US\$ 2,84 bilhões para compensar o déficit do balanço de pagamentos, informou ontem o diretor da área externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, logo após receber as últimas posições das quarenta praças de câmbio dem todo o país.

Este nível de reservas - superior às expectativas governamentais, que indicavam US\$ 6,5 bilhões - está acima da média considerada aceitável pela comunidade finan-

ceira internacional e permitirá que o país negocie seus novos empréstimos externos em condições mais favoráveis ao longo dos próximos meses, quando normalmente, ocorre uma retração nas operações com os banqueiros estrangeiros.

As estimativas do Banco Central dão conta de que o Brasil fechou o ano de 1980 com uma dívida externa de US\$ 54,2 bilhões, revelando uma tendência decrescente no nível de endividamento externo, que passou de US\$ 32 bilhões em 1977 para US\$ 44 bilhões no ano seguinte, atingindo até o final de 1979 o total de US\$ 49,9 bilhões.

DÍVIDA EXTERNA

Na opinião do diretor do Banco Central, o crescimento da dívida externa bruta chega a ser negativo, na medida em que o dólar vem sendo depreciado no mercado financeiro internacional e que o serviço da dívida (juros mais amortizações) continua relativamente menor a partir deste ano.

Tomando como base as taxas de juros pagas nos empréstimos externos contratados no ano passado, Madeira Serrano calcula que o serviço da dívida brasileira em 1981 ficará em torno de US\$ 14,4 bilhões, correspondendo a US\$ 7,8 bilhões de amortizações e a US\$ 6,6 bilhões de juros. Em 1980, o Brasil pagou US\$ 7 bilhões de amortizações e US\$ 5,6 bilhões de juros, o que totalizou US\$ 12,6 bilhões.

"Não há nenhum fundamento nas especulações sobre a possibilidade do serviço da dívida externa brasileira, este ano, ser algo alarmante", afirmou Madeira Serrano, lembrando que o controle exercido pelo Banco Central permite antecipar facilmente o total a ser pago pelo Brasil ao longo dos próximos seis meses, tomando como base as taxas médias de juros nos empréstimos anteriores.

Em sua opinião, o Governo está empenhado em seguir a política de obter no exterior apenas o estritamente necessário para financiar o déficit do balanço de pagamento em 1980, "o que garante um fluxo controlado de recursos". Quanto ao impacto do endividamento externo sobre a comunidade financeira internacional, comprometendo a confiança na capacidade brasileira de pagamento, Madeira Serrano lembra que toda a dívida está "absolutamente sob controle", sendo mais importante no exterior a forma como o país administra seus compromissos.

O que se espera de Serra Pelada

A melhoria das condições de mineração e comercialização deve fazer com que a produção de ouro dos garimpos de Serra Pelada, no Pará, chegue a dez ou doze toneladas ao longo de 1981, praticamente dobrando os 5.644 quilos adquiridos pelo Banco Central entre março e dezembro do ano passado, segundo estimativas feitas ontem pelo diretor da área externa do BC, José Carlos Madeira Serrano.

Além de Serra Pelada, o Banco Central adquiriu também, em 1980, quase quinhentos quilos de ouro extraído dos garimpos de Itaituba e Maués, no Médio Tapajós, elevando para 6.131 quilos o total adquirido num período de sete meses, correspondendo a US\$ 121 milhões aplicados através da Caixa Econômica Federal, dentro da política governamental de conter o contrabando através do pagamento de preços de mercado.

"Pelas análises dos dados em poder do Banco Central, podemos acreditar que em 1981 as perspectivas de Serra Pelada são ainda melhores, podendo chegar a uma média de mil quilos de ouro por mês", afirmou o diretor do BC, deixando claro, contudo, que os números definitivos só poderiam ser fornecidos pelo Departamento Nacional de Produção Mineral e pelo Ministério das Minas e Energia.

Madeira Serrano lembra que o Banco Central só entrou no mercado de compra de ouro a partir de 21 de maio do ano passado, sendo que as operações foram encerradas no dia 19 de dezembro, por absoluta impossibilidade de continuar a extração sob as chuvas torrenciais que caem na região de Serra Pelada nesta época do ano.

A melhoria das condições de extração, aliada à possibilidade de uma maior presença da Caixa Econômica Federal na aquisição do ouro, deverão garantir um aumento médio na produção deste ano, evitando inclusive a paralisação durante vários meses em consequência das chuvas no Pará.

CORREIO BRAZILIENSE		
Fundador dos Diários Associados ASSIS CHATEAUBRIAND	Diretor Superintendente EDILSON CID VARELA	
1980 - Brasília - ano XX Correio Braziliense 20 anos a serviço da comunidade	Diretores - Ari Cunha Alberto Sá Filho	
Na quarta parte nova os campos ara. E se mais mundo houvera, lá chegara. CAMÕES, e. VII e 14.		
Administração, redação e oficinas: Setor de Indústrias Gráficas - Lotes 300 a 350 - Rede Interna: 226.1755 - Superintendência: 223.0168 - Ger. Adm.: 223.9113 - Departamento Comercial: Responsável: Maurício Dinepi - 224.6772 - Dep. de assinaturas a domicílio: 224.4447 - SUCURSAIS: Taguatinga: C-12 - Ed. Central: Fones: 561.1872 e 561.2026 - Sobradinho - Q. 08 - Bloco 19 - Loja 7 - Fone: 591.2260 - Goiânia: Rua 2 - n.º 253 - Centro: Fones: 224.1068 e 224.5389 - Anápolis: Rua Manoel D'Abadia, 240 - Fone: 324.5307 - Diretor: Raul Ferreira de Assis - Representantes: no Rio-SIMA - Rua Rodrigo Silva, 12-Fone: 232.4200 - São Paulo - Rua 7 de Abril, 230 - Fone: 231.1822. Assinaturas para todo Brasil - Semestral: 3.600,00 - Os serviços noticiosos e radiofotográficos são fornecidos pelas Agências: ANDA, DPA, AFP, UPI, REUTER e SPORT PRESS - Telex (061) 1741-CEP 70.000.		